

CINCO VARIAÇÕES SOBRE O TEMA DA ELABORAÇÃO PROVOCADA¹

Jacques-Alain Miller

Intervenção à Escola (tarde de cartéis) em 11/12/86

A expressão “elaboração provocada”, forjada por Pierre Théves a partir de um texto de Lacan, indica o que compete ao mais-um do cartel, e atinge a seu objetivo. E é com muito prazer que aceitei o seu convite para falar esta tarde sobre variações dessa fórmula. Vou propor cinco. Não exporei o conceito de cartel, mas direi o uso que dele faço. De maneira geral, nunca me interessou de outra forma a não ser com o propósito de saber. Posso admitir outros usos, mas este é o meu.

Varição I: Uma fórmula com contrastes

A fórmula da elaboração provocada apresenta contrastes, mas também é harmoniosa. Tem consonância e fala latim. Há labor e voz, e também dois prefixos: ex- (fora de, a partir de) e pró- (em frente, diante de). E é sempre assim que elaboramos: a partir de... e sendo chamado, suscitado por... O trabalho é sempre suscitado por um apelo, um chamado de provocadores que vai procurar o que é latente e que, chamando-o, revela, e até cria. O apelo ao trabalho é o toque de clarim para despertar, chamar. A estrutura mais simples de elaboração provocada nos é dada pela primeira linha do primeiro dos quatro discursos: $S_1 - S_2$.

Ou ainda, se retirarmos os significantes para não deixar mais que a indicação dos lugares:



Dou aí a estrutura mínima, o matema da elaboração provocada.

Varição II: Uma elaboração é sempre provocada

¹ Texto traduzido por Stella Jimenez e publicado em Jimenez, S. (org.). O Cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1994, pp. 1-10.

Se há provocação ao trabalho, à elaboração é porque não há nenhuma vocação para o trabalho. Haveria muito mais vocação para a preguiça. É um tema de economistas: como provocar o trabalho em trabalhadores cuja inclinação, desde a instalação do discurso capitalista, seria a de não fazer nada? Com que estímulos materiais ou estímulos ideológicos? De fato o estímulo é sempre significante.

Vejam o grupo analítico: o passe é certamente uma elaboração provocada. Trata-se, pelo chamado que comporta a oferta do passe, de provocar uma elaboração da análise diante de passadores; após esse procedimento, o AE como "nomeado a" é provocado a elaborar para o público. Uma análise como tal não depende menos do registro da elaboração provocada. É isto que diz, à sua maneira, o termo *Durcharbeitung*, que justamente foi traduzido, a partir de variações da palavra "laboração", por perlaboração, translaboração; poderíamos nos contentar com o termo bem português, francês no original, de *elaboração*. A análise é uma elaboração provocada pelo significante da transferência. Nesse sentido não esqueçamos o significado da transferência, aquilo que chamei, em meu seminário, "seu efeito semântico". Observo que o sujeito suposto saber, que é uma significação, é evidentemente distinto do sujeito que sabe, convocado em posição de agente. O sujeito suposto saber não é de forma alguma um saber agente, que tem muito mais um efeito bloqueante sobre a elaboração; seu modo de provocar a elaboração é muito mais revogá-la ou pelo menos retê-la para depois. É o que, depois de tudo, traz consigo a própria noção de educação.

Variação III: A elaboração do discurso

Os quatro discursos são, se quisermos, quatro tipos de mestria, mas podemos tratá-los também, a cada um deles, como modos de provocação. Podemos nomear cada um desses lugares de discurso com um novo termo: no lugar do agente coloco a provocação; no lugar do Outro, o trabalho, a elaboração; embaixo, à direita, a produção, como se costuma dizer; e ponho, no lugar da verdade, a evocação, que corresponde ao estatuto alusivo da verdade.

Provocação
Evocação

Elaboração
Produção

No discurso do mestre, a provocação toma a forma, que evoquei anteriormente, de chamado ao trabalho, cuja função é lembrada por Lacan no Seminário VII, *A ética da psicanálise*.

O discurso universitário o qualificava, há pouco, de elaboração revogada, e eu disse também adiada. O que é que se produz aqui senão um provocador? Não devemos nos espantar da recorrência; lá onde o discurso universitário funciona, o que parece ser contingente é na realidade sua necessária produção: (o discurso universitário produz, produziu sempre, provocadores (termo ao qual dou sua melhor acepção)).

Este termo convém admiravelmente ao discurso histórico, que põe em evidência o sujeito provocador. O discurso analítico desloca esse sujeito, fazendo dele um provocador provocado.

Variação IV: O agente provocador

Tal como o entendo, o mais-um deve ser um agente provocador. Ele tem certamente a incumbência de uma direção, e creio que não deveria criar nenhuma dificuldade situá-lo no lugar do agente. Como ele exerce esta incumbência?

Há uma tendência a exercê-la como senhor, inclusive como "mestre-ao-trabalho", se posso dizê-lo assim. Frequentemente se solicita ao mais-um que exerça este papel. O incômodo é que, enquanto mestre, ele não pode jamais fazer trabalhar senão o saber que já está aí, e não pode produzir mais do que aquilo que está fora do simbólico, digamos por enquanto, o objeto *a*.

Se fazemos apelo ao mais-um enquanto aquele que sabe ou saberia, produziremos \$ – saibamos isto de antemão. O que produzirá o apelo feito ao mais-um como analista, e mesmo escolhido por esta razão... Vejamos o que disto resulta.

Direi imediatamente que a estrutura que melhor lhe corresponde, na minha experiência de cartel, é a do discurso da histórica.

De fato, quando um cartel termina tendo por resultado "alguma coisa que não se pode dizer" – creio que alguns cartéis terminam com um "não podemos testemunhar o que fizemos" – isto me parece um sinal de que houve um senhor no início, do qual não se desembaraçou. Não vejo, em absoluto, nessa impotência a prova de que teríamos aí um cartel excelente.

Se o cartel acreditou cooptar um analista e se além a isso, o que isso num cartel quer dizer? Quer dizer fazer-se o tapa-buraco. O resultado é conhecido: os participantes se fazem de bobos. É a estrutura do discurso analítico mas transposta ao cartel, tendo

como único resultado a denúncia de alguns significantes-mestres, o que me parece muito pouco.

Se partimos, no cartel, de um saber constituído que se deveria adquirir com o mais-um, ocorrem então as famosas "crises de cartel", notadas $\$$. Elas são em geral o testemunho de que colocamos no posto de comando um saber todo pronto, em suma, um saber. Não se obtém um resultado de saber a não ser que se coloque $\$$ em posição de mais-um. É propor para o cartel a estrutura do discurso da histérica, da qual é preciso não esquecer que Lacan dizia que era quase a do discurso da ciência. Por isso, se fosse preciso escolher um modelo de mais-um, escolheria Sócrates. Sócrates que permanece na memória pelas elaborações que provocava em seus interlocutores. O que se chamou os diálogos de Platão são também elaborações provocadas.

O mais-um deve chegar com pontos de interrogação e, como me dizia um sujeito histórico que se vangloriava disso como de sua função eminente no mundo, fazer buracos nas cabeças. Isto supõe que se recuse a ser um senhor que faça o outro trabalhar, ser aquele que sabe, ser analista no cartel; tudo isso para ser um agente provocador a partir de onde há ensino.

Varição V: A arte de ser mais-um

O cartel, segundo a referência que eu fiz a Sócrates, representa isso: é um tipo de banquete. O banquete comporta com efeito isto que eu evoquei até agora:

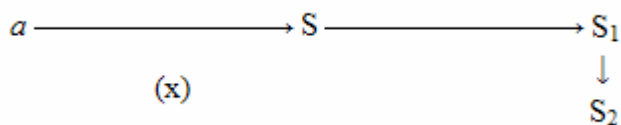


A isto se acrescenta, porém, que ao agente permite-se ocultar, em seu vazio mesmo, a causa do desejo, sob as brilhantes aparências de agalma: $\$/a$

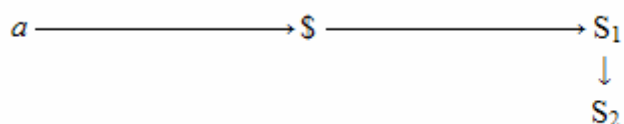
Como isto se passa do ponto de vista do cartel? Podemos certamente supor que, na escolha por quatro do mais-um, há sempre um elemento de atração, e os mais-uns podem se vangloriar disso. Mas que fazer do agalma no cartel? Ele está aí em seu lugar?

Observo que, se é verdade que o mais-um, enquanto sujeito, faz trabalhar, e a esse respeito poderíamos falar de seu ato, ele próprio tem que trabalhar: existe também uma tarefa do mais-um e eu lhe aconselharia a não fazer "tapa buraco", pois ele é também um dos membros do cartel. Uma vez que ele trabalha é porque a , longe de ser

situado sob a barra, vem em posição de fazer o sujeito trabalhar. É o que me conduz a manipular esta estrutura desta forma:



Esvazio o a de seu lugar estatutário. Seria a ascese do mais-um. O mais-um não deve se esgotar encarnando a função do mais-um. Ele não é o sujeito do cartel; cabe a ele inserir o efeito de sujeito no cartel, tomar a seu cargo a divisão subjetiva. Isto me leva a esclarecer o termo de mais-um com o de "menos-um": o mais-um não se junta ao cartel, a não ser para descompletá-lo, "deve contar-se aí e não ter outra função senão a da falta".²



Este menos-um é melhor escrito \$, enquanto leio neste S_1 o enxame, como Lacan o escreveu algumas vezes.

Um enxame³ pode ir até o ponto de me fazer considerar o seminário que conduzo todas as semanas nesta sala como um grande cartel.

Não é exatamente um cartel *stricto sensu*; mas não é incompatível com esta escritura que haja aí um pouco mais de abelhas. Vejam a este respeito *Televisão*: Lacan evoca aí a quase identidade de estrutura entre a histeria e a ciência, e também as abelhas ao trabalho, e von Fritsch. Meu seminário é para mim um grande enxame onde eu mesmo sou abelha, e não a rainha!

Já falei anteriormente sobre a escolha do mais-um; falarei agora da composição do enxame que me parece ser a boa. Considero que esse enxame está bem formado quando cada um tem razão para estar aí. Quero dizer: que cada um esteja no cartel "na qualidade de"; esta lógica implica que os membros trabalhem a partir de suas insígnias e não de sua falta-a-ser. Compete ao mais-um obter não somente a emergência do efeito subjetivo no cartel mas também que os membros do cartel tenham estatuto de S_1 , assim

² É deslocar o cartel da lógica do todo e da exceção de onde ele nasceu (o nome do mais-um o indica) a do não-todo (resposta a uma observação de Brigitte Lemerer).

³ *Essaim* – referente homólogo a S_1 .

como ele próprio como membro do cartel. São senhores, significantes-mestres que estão em trabalho, e não sábios – não sujeitos supostos saber.

A função daquele que se presta a ser mais-um é de fazer com que cada membro do cartel tenha seu traço próprio, isto é que faz uma equipe. Eu me lembrava do banquete, mas é antes de tudo um *buquê* o que é preciso reunir. É preciso então identificar os membros do enxame. É exatamente isto que implica, a meu ver, uma prática de seminário inspirada no cartel: fazer de tal maneira que cada um aí entre com um traço próprio, valorizado como tal. Esta é a condição para haver um trabalho que produza saber.

Atrevo-me agora a evocar a delicada questão da transferência no cartel. Nós conhecemos a estrutura da transferência socrática, mas o que será da transferência no cartel? De a a $\$$ há trabalho de transferência, mas prolongado desta maneira no cartel, transforma-se em transferência de trabalho.

$$\begin{array}{c} \text{trabalho de transferência} \quad \text{transferência de trabalho} \\ a \longrightarrow \$ \longrightarrow S_1 \end{array}$$

O que se verifica pela fórmula é que esta é a posição mesma onde Lacan se sustentou no ensino: incitando a saber, mas em posição de analisante e só falando a partir de Freud. Dar então o justo lugar ao objeto no cartel exige que o mais-um não se aproprie do efeito de atração, mas que o refira a outro lugar – entre nós, a Freud e a Lacan.

Respostas de J.-A. Miller no curso da discussão

... A lógica indica que não há produção de saber se o trabalhador não estiver embaraçado pelo efeito subjetivo, senão ele não produzirá nada além da denúncia dos significantes-mestres. O efeito subjetivo deve ser isolado em seu lugar. O mais-um o toma sobre ele, para que outros dele se desembarassem. A experiência tende a mostrar com efeito que é muito pernicioso, para a produção de saber, que cada um esteja no cartel para entregar-se à associação livre ou para dizer bobagens. Este não pode ser o caso para os cartéis do passe, que têm um trabalho a fazer, a obrigação de produzir um saber, e cujo funcionamento é balizado em relação ao discurso histórico, que é quase o da ciência. O cartel do passe funciona na contrapartida do discurso analítico, uma vez que ele outorga ou recusa uma nomeação, enquanto que o discurso analítico culmina na

denúncia dos significantes-mestres pelo efeito de destituição subjetiva. O procedimento de passe é uma nova instituição, no sentido mesmo da instituição analítica. Isto não é entretanto o discurso do senhor, uma vez que daquele que é "nomeado *a*" esperamos também um trabalho de produção de saber. Esta abordagem tem a vantagem de indicar como tomar a questão da elaboração coletiva. Esta questão se coloca em todo lugar na ciência sob a forma de prioridade: quando duas ou três pessoas falam juntas vão saber depois quem fez emergir a coisa: há aquele que a disse, há aquele que a fez dizer e aquele que se apercebeu que era importante. Finalmente se divide o prêmio Nobel... É a idéia de Bourbaki, que presidiu a criação de *Scilicet*. Ora, se há uma estrutura onde o coletivo tem um sentido, é exatamente no discurso histórico. As epidemias históricas são exatamente fenômenos de elaboração coletiva. Em todos os fenômenos onde há espontaneísmo, como nas atuais manifestações estudantis, há elaboração coletiva de pequenos textos, pequenos *slogans*. Talvez haja um pequeno grupo em alguma parte que os forje, como nas oficinas das preciosas, no milímetro exato, mas é da mesma forma uma elaboração coletiva. Em resumo: quanto mais cultivamos a história do cartel, mais a elaboração se coletiviza.

... Os significantes-mestres produzidos na experiência analítica num estatuto de queda. Privilegiei o aspecto "denunciar as identificações". O que é que escande uma análise? As identificações que caem – elas não desaparecem, porém, completamente, mas o sujeito faz ao menos a experiência disto, de seu ser não representado por esses significantes-mestres.

... A única instância a trabalhar para produzir um saber são os elementos estritamente identificados. Vemos isto entre escoteiros. Cada um se inventa um nome. Muito bem: não vamos comparar o cartel ao grupo escoteiro, mas enfim! Eles têm em comum a noção de equipe.

É sob a solicitação de Jean Pierre Klotz que entrego esta intervenção à *Lettre mensuelle*: eu não gostaria de perenizar os matemas de Lacan transformados pelas necessidades da causa.